

(Transcrição)

Rocca di Papa, 5 de maio de 1981

A vontade de Deus segundo a espiritualidade do Movimento dos Focolares

Chiara num congresso ecumênico (1ª parte)

[...]

Então, será tratado neste encontro um tema: a Vontade de Deus. Devo referir-lhes como é que se vive a Vontade de Deus no Movimento dos Focolares. Portanto, uma coisa muito simples. [...]

A Vontade de Deus é um aspecto da nossa espiritualidade, um dos pilares sobre o qual ela se apoia e ao redor do qual se dá o crescimento espiritual de cada membro do Movimento.

Para entrarmos num assunto tão importante, Deus, desde o início da nossa história, não foi modesto nas suas luzes, pelo contrário, provocou circunstâncias especiais e sugeriu-nos alguns exemplos simples, mas eficazes.

Para poder ser clara na exposição deste tema, será conveniente que eu volte àqueles primeiros tempos, recordando as palavras da Escritura que podem ser aplicadas também ao nosso caso: "Tratei à vossa memória aqueles dias, depois de terdes sido iluminados..." (Hb 10,32).

Como talvez já saibam, entre as ruínas provocadas pela guerra, na contemplação e constatação de que tudo no mundo pode desmoronar, mesmo o que nos é mais querido e importante e, que tudo é vaidade das vaidades, nós, primeiras focolarinas, não sem uma graça especial de Deus, tivemos que fazer a escolha mais exigente da nossa vida: entregar-nos a um Ideal que não passa, fazer, portanto, de Deus o tudo da nossa existência. Portanto, amá-lo e amá-lo com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças.

Mas como amá-Lo para que tudo não se limite a um simples sentimento?

A frase de Jesus: "Não quem diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas quem faz a Vontade de Meu Pai" (cf Mt 7,21) foi determinante e perfeitamente esclarecedora.

Poderíamos amar a Deus com todo o coração (também agora, também agora, com toda a alma, com todas as forças), fazendo com todo o coração a sua Vontade. (Para mim é falar e para vocês, ouvir). (aplausos)

Poderíamos amar a Deus com todo o coração, fazendo a sua Vontade.

Fazer a Vontade de Deus (fazer, fazer a vontade de Deus) foi a expressão prática do nosso amor por Ele.

Assim, propusemo-nos cumprir, a partir daquele momento, não a nossa, mas a Vontade de Deus. Procuramos uniformar imediatamente a nossa vontade à de Deus. A nossa única vontade era a Vontade de Deus.

Naquele tempo (não recordo se antes ou depois), uma experiência pessoal serviu para sigilar esta nossa resolução.

Naqueles primeiros dias, em dezembro de 1943 - há muitos anos -, o Senhor me chamou para me consagrar a Ele, na virgindade, na castidade.

Pouco depois, durante a Missa de meia-noite, de Natal, senti no meu coração o pedido de Jesus para lhe dar tudo. Esse "tudo", então, compreendia - e eu só podia entender como os outros o entendiam - viver, além da virgindade, também a obediência; doando a minha vontade, vivendo a obediência; doando tudo aquilo que eu possuía, vivendo a pobreza; deixando a minha família e quanto havia de belo no mundo, para me retirar na clausura, num convento.

Acreditei que Deus me pedia tudo isso e disse sim, mas o disse entre lágrimas e com o coração despedaçado por qualquer coisa que não me agradava... algo que se rebelava dentro de mim.

Tendo confiado ao confessor esta circunstância e a decisão que eu tomei, ele, provavelmente, porque conhecia o que estava nascendo à minha volta, disse decididamente: “Não, esta não é a Vontade de Deus para você”.

Naquele momento, diferenciaram-se na minha mente dois conceitos que até então coincidiam, isto é, o que se diz [...] estado de perfeição, isto é, a vida monástica... e a perfeição. Compreendi que, certamente, existiam estados de vida mais ou menos perfeitos, mas que a perfeição só se alcança fazendo a Vontade de Deus. Por isso, fui encorajada por este fato a perseguir, com as minhas amigas, a perfeição, a alcançar a perfeição, fazendo precisamente a Vontade de Deus.

No fundo, fizemos uma descoberta que, mais tarde, notamos que também os santos fizeram. Por exemplo, Santo Afonso de Ligório, que é um especialista da Vontade de Deus, pois concentrou toda a sua espiritualidade na Vontade de Deus, diz: "Toda a nossa perfeição consiste em amar o nosso amabilíssimo Deus. Mas toda a perfeição do amor a Deus está em unir a nossa vontade à de Deus".

Recordo que, antes disso, eu não encontrava a estrada para me fazer santa, não a encontrava. Tinha a impressão de que se erguia um muro à minha frente que me impedia o acesso à santidade. Como encontrar uma passagem? Pensava: se para me santificar devo fazer muitas penitências, eu as faço; uso o cilício o dia todo, me bato até sangrar o dia todo. Se, pelo contrário, é preciso rezar, eu rezo, rezo o dia todo. Mas, como se faz para nos tornarmos santos? Não o entendia, não entendia. Foi com essa circunstância, que Deus me iluminou: para se santificar bastava fazer a Vontade de Deus.

Foi uma verdadeira descoberta extremamente útil e maravilhosa. Eu disse - o caminho para a santidade aberto para mim, mas não só para mim, era um caminho bom para todos. Aqui está tudo! A grande descoberta! Um caminho bom para todos: para homens e mulheres, para cultos e para ignorantes, para intelectuais, para os operários, para as mães, para as mães! Para as pessoas consagradas, para os leigos e para os sacerdotes, para os bispos, para os idosos, para os jovens, para o Papa, para os governantes e para os cidadãos... Um caminho bom para todos. (aplausos)

Parecia-me, verdadeiramente, ter encontrado o ingresso para a perfeição não só para uma elite de pessoas, como aquelas que se tornam sacerdotes ou entram para o convento, mas para as multidões, para as multidões! Esta é a grande descoberta!

Via, então, diante de mim, da minha vida, da vida de todos, dois caminhos: eu podia fazer na vida a minha mísera vontade ou fazer a de Deus. Fazendo a nossa vontade, a nossa sorte seria semelhante à de quase todas as pessoas no mundo. Todos os dias muitíssimos morrem e há muito sofrimento, lágrimas e flores. Mas depois, depois da segunda geração, quem se recorda deles?

Se, pelo contrário, tivéssemos enveredado pela estrada da Vontade de Deus, Deus nos teria guiado por caminhos pensados, instante após instante, pelo Seu amor, inventados pela sua imaginação, sugeridos pela sua providência, que cuida dos indivíduos e da coletividade. Ele nos arrastaria numa maravilhosa e divina aventura por nós desconhecida.

E qual teria sido a nossa sorte? Não acabaria no silêncio, mas permaneceria para iluminar muitos como a vida dos santos.

Estávamos tão convencidas da bondade, do valor, da utilidade, da beleza desta escolha - a Vontade de Deus - que considerávamos estranha a atitude de muitos cristãos, quando dizem que se resignam à Vontade de Deus. Dizíamos: Como? Resignar-nos? Resignar-se apenas? Pelo contrário, devíamos nos resignar em fazer a nossa vontade tão pouco frutuosa e tão pouco construtiva. É preciso, em vez, ter resignação só em certas circunstâncias; tê-la também quando se sofre muito, mas em geral é necessário querer a Vontade de Deus, porque é o melhor que podemos desejar. Não é o caso de dizer: "Devo fazer... a Vontade de Deus", mas "posso fazer... a Vontade de Deus".

Com estas convicções, caíam por terra todos os nossos projetos e nos abandonávamos completamente em Deus.

Quando o escolhêramos em meio aos terrores da guerra, Ele se manifestou a nós como Amor. Acreditávamos, portanto, no Seu amor e nos abandonávamos completamente nele Ele. Este abandono não era passividade, porque uma vez que sabíamos qual era a Vontade de Deus, a fazíamos nossa e a atuávamos com todo o coração, toda a alma, todas as forças, procurando ser o mais possível coerentes com ela, mesmo se continuamente mutável, porque ela muda; pode acontecer algo que não prevemos...!

Quando não compreendíamos a Vontade de Deus, nos comportávamos o melhor que podíamos, pedindo a Deus que, caso a nossa escolha fosse errada, nos reconduzisse para o caminho certo. Em pouco tempo adquirimos uma grande elasticidade em compreendê-la.

Éramos cientes de compôr com a nossa vida, vivida assim, um divino desígnio, do qual não conhecíamos nada - como já disse - a não ser que quem o propunha a nós era um Pai e que todas as circunstâncias eram expressão do seu Amor por nós. Ele deseja ou permite seja o que for para o nosso bem.

Vivendo assim, vieram em evidência para nós muitas palavras da Escritura, palavras de Jesus ou que se referiam a Ele, conhecidas, mas que ali se realçavam, como por exemplo Jesus que diz: "O meu alimento é fazer a Vontade daquele que me enviou" (Jo 4,34). Ou então: "Desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas aquela de quem me enviou" (Jo 6,38). "Contudo não seja feita a minha, mas a Tua vontade" (Lc 22,42). "Eu faço sempre as coisas que lhe agradam" (Jo 8,29). "Eis Eu venho para fazer, oh Deus, a Tua vontade"! (Hb 10,7).

VÍDEO – fim da primeira parte